



**Teia das pretas: a comunicação antirracista que costura vínculos entre mulheres e territórios agroecológicos da Zona Oeste do Rio**  
*Black Women's Web: Anti-racist Communication Sewing Links Among Women and Agroecological Territories in the West Zone of Rio*

CARVALHO, Leonídia Insfran<sup>1</sup>; LIMA, Caren Freitas<sup>2</sup>; FRANCO, Alice Alves<sup>3</sup>;  
BAPTISTA, Sílvia R. N<sup>4</sup>; BERTO, Heloísa Helena Costa<sup>5</sup>; OLIVEIRA, Jane Nascimento<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Rio de Janeiro, leonidiacarvalho@hotmail.com ; <sup>2</sup> Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, carenfreitas.lima@gmail.com; <sup>3</sup> Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, alicesifranco@gmail.com; <sup>4</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, s21baptista@gmail.com; <sup>5</sup> Coletivo Jardim das Ervas Sagradas, casadenanaprojetos@gmail.com ; <sup>6</sup> Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, janenasoli2@gmail.com

## RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

### Eixo Temático: Ancestralidades, terra e território

**Resumo:** O texto descreve sucintamente a construção de uma vivência interracial de mulheres na periferia oeste da cidade do Rio de Janeiro, que juntas constroem protagonismo e foco para as mulheres negras. São vários territórios organizados no enfrentamento aos danos colaterais da covid-19. Os vínculos entre esses corpos de mulheres negras e antirracistas em distintos territórios é feito através de táticas de comunicação popular e comunitária. Descreve-se duas experiências: a rádio volante e o boletim teia das pretas.

**Palavras-Chave:** feminismo negro; comunicação popular e comunitária; organização popular.

### Contexto

A Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste do Rio é uma auto-organização de mulheres distribuídas em diferentes favelas, quilombos, ocupações populares e conjuntos habitacionais dos bairros. Trabalha com o intuito de combater as injustiças socioambientais, socioculturais, individuais, coletivas e raciais nos territórios de atuação, buscando, através do diálogo, caminhos para mitigar a fome e buscando melhores prognósticos nas áreas de saúde, educação e bem-viver das mulheres em vulnerabilidade.

Em junho de 2021, atendendo a chamada pública do edital da Fiocruz para concorrer ao Apoio das Ações Emergenciais de Enfrentamento à COVID-19 nas Favelas do Rio de Janeiro, articularam a escrita de um projeto em coletividade. Por não ser uma instituição jurídica, ocorreu a articulação com o PACS, Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS), para a administração do projeto. A iniciativa foi intitulada “Teia das Pretas - Tecer, Prevenir, Alimentar e Inovar no Enfrentamento à Fome e a Covid-19 em territórios agroecológicos da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro”.



Os recursos investidos eram provenientes da Lei Nº 8.972/20, do Fundo Especial da ALERJ à Fiocruz. Esses recursos foram resultados de um esforço interinstitucional envolvendo UFRJ, UERJ, PUC-Rio, SBPC, ABRASCO, Fiocruz, sindicatos de profissionais das áreas de saúde e assistência social, bem como organizações comunitárias e de favelas. Essas entidades juntas elaboraram o Plano de Ação para o Enfrentamento da Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro.

A partir da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, essas atividades se passaram em territórios de práticas agroecológicas, como o Bosque dos Caboclos e Quilombo Dona Bilina (Campo Grande), Saquassu (Santa Cruz), Shangrilá (Taquara-Jacarepaguá), Recanto do Ipiranga (Sepetiba), Santa Luzia, Cascatinha e Camorim (região das Vargens).

A contribuição desse artigo ao eixo Ancestralidades, terra e território diz respeito ao olhar integral sobre a relação de nossos corpos e territórios agroecológicos. A multiplicidade de temas geradores que surgem ao objetivar essa forma de cuidado exige uma prática comunicativa em diferentes escalas e modalidades. Vamos falar a respeito dessa complexidade.

### **Descrição da experiência**

O objetivo geral do projeto foi ampliar e qualificar as nossas ações de prevenção à Covid-19 para mitigar a fome, desemprego e o acesso precário às políticas públicas. Uma experiência realizada a partir da auto-organização dos territórios e com a liderança das mulheres negras da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Cada um dos verbos do título do projeto resume um dos objetivos específicos. O verbo tecer é a síntese da missão de longo percurso da Coletiva de Mulheres. Trata-se de organizar a base social periférica e predominantemente negra. Prevenir anunciou atividades de comunicação e informação em saúde para enfrentamento ao negacionismo e disseminação de comportamentos antivacina. A prevenção também se apoiava na distribuição de alimentos agroecológicos e resgate dos saberes ancestrais de ervas medicinais e demais práticas de integralidade em saúde. Atuamos em diferentes atividades geradoras de renda e com potencial de inovação a partir da Feira da Roça Agroecologia e Cultura em Vargem Grande, bem como atividades ligadas à biodiversidade na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina.

A proposta para a escolha do nome do projeto surge a partir de uma definição de protagonismo e foco nas mulheres negras definida há vários anos que foi ratificada em 2017, durante o julho negro. Em 25 de novembro do mesmo ano, o foco e protagonismo nas mulheres negras já estava anunciado. Pode-se afirmar o mesmo da cartografia feminista lançada em 2018 que anunciou o antirracismo em seu título (Militiva, 2018).

Quando da reunião para publicar o projeto e concorrer à chamada pública da Fiocruz, era necessário dar um nome. Marina Ribeiro, Rosineide Freitas e Sílvia



Baptista estavam fazendo a publicação na plataforma designada pela Fiocruz para submeter o planejamento ao edital e ainda não tinham escolhido o nome. Conversa vai e conversa vem, alguém falou: Teia das Pretas. Avaliaram, pensaram e decidiram nomear o projeto com essa ousadia: Teia das Pretas. O nome dado ao projeto consolidou a visão das mulheres na luta. Entendemos que todas as pessoas, comunidades, coletivas, coletivos e instituições parceiras constituem um tecido, uma costura de preciosidades na teia viva da Zona Oeste do Rio. O nome teia implica nesse constante ação de tecer. Mas o “fio que une as pérolas” é a comunicação popular e comunitária, diferente da comunicação social hegemônica.

É comum que alguém da nossa convivência se refira às mediações dessa forma de comunicação como sendo o “trabalho de formiguinha”. Trata-se de um trabalho cotidiano de cuidado radical, envolve atenção comunitária constante e ênfase na oralidade. Implica em uso das redes virtuais, uso diário e, por vezes conflituoso, do WhatsApp, mas não só.

Uma pensadora, Kimberlé Crenshaw (2004) teve a sensibilidade de registrar que alcançar essas mulheres implica em mais esforços, maiores recursos. Em nossa vivência, o nosso público exige mais tempo, mais dinheiro e uma práxis muito específica. Boa parte desse público tem acesso ao WhatsApp, cuja configuração não favorece grandes reflexões. Nossa comunicação lançou mão de duas ferramentas: a rádio volante e o boletim Teia das Pretas. O primeiro é o “carro do ovo”, só que vendendo ideias, levando informações em saúde e ambiente.

O território de nossa atuação tem como característica uma maioria conservadora, à direita no espectro político, onde as forças locais paramilitares têm grande influência. Ao mesmo tempo, acompanhávamos a letalidade da Covid-19. Optamos então pelo simples. Inicialmente com recursos próprios e depois com o recurso do projeto Teia das Pretas. Colocamos em circulação um carro de som e apelidamos de “rádio volante”. O conteúdo veiculado era primeiro aprovado pela Fiocruz, e incentivava o uso da máscara e a vacinação. Essa nossa atuação se destacou e tivemos uma participação importante na ação integrada no Dia Estadual de Enfrentamento à Covid nas favelas no dia 10 de fevereiro de 2022.

Depois o uso da rádio volante veiculou informações sobre esquistossomose, diante das enchentes que ocorrem nos territórios da Zona Oeste. Tratou também dos conflitos ambientais na região das Vargens, um dos territórios mais ameaçados pela especulação imobiliária da cidade. Esses conflitos foram tema do primeiro boletim “Teia das Pretas”. A chamada foi: “Fórum das Vargens: um convite à luta por justiça ambiental”. A matéria de capa dizia:

O bairro Vargem Grande se constituiu, em grande medida, a partir da colonização e escravização de corpos negros. Só em 2014 alcançamos a certificação de dois Quilombos na região - o Cafundá Astrogilda e Camorim. No entanto, a quilombagem se fez em muitas comunidades, favelas e loteamentos populares da região. Temos favelas-quilombos nas encostas e na baixada. Essas comunidades têm sido excluídas do planejamento da



cidade. Algumas foram removidas com violência pelas forças estatais. Há muita resistência. No entanto, há falta de acesso à água tratada e ao saneamento básico. A população periférica está mais vulnerável às enchentes, à fome e ao nutricídio, formatando o que denominamos racismo ambiental. A proposta do Fórum das Vargens veio para dar sequência ao Plano Popular das Vargens. É um processo de luta por terra e água para morar e plantar. Ou seja, é um processo permanente de luta por justiça ambiental. (Boletim Teia das Pretas, 01/2022).

A circulação do segundo boletim<sup>1</sup> aconteceu no mês de março e coincidiu com a campanha *21 dias de ativismo contra o racismo*. A decisão da capa, além da logomarca da campanha, buscou homenagear a Iyalorixá Luzinha de Nanã e seu projeto agroecológico “Jardim das Ervas Sagradas”.

Luizinha de Nanã, Iyalorixá e defensora de direitos humanos, militante contra o racismo institucional, racismo religioso, racismo ambiental. Luta pelo incentivo à educação do povo negro e da mulher negra através de programas sócio ambientalistas e contra a poluição das águas, mangues e matas. Participante ativa na luta contra as expulsões realizadas pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, por ocasião das Olimpíadas do Rio de Janeiro 2016, que culminou na retirada violenta de cerca de 76.000 pessoas de suas moradias. Ex-Integrante do movimento Liberte Nosso Sagrado junto às instituições públicas. Primeira liderança condecorada com o Prêmio Dandara (2015), concedido pela ALERJ na atuação da defesa dos povos tradicionais e da Comenda Pedro Ernesto em relação aos Direitos Humanos (2015), conferido pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, nas defesas pelas violências ocorridas na Vila Autódromo durante as remoções nas Olimpíadas Rio 2016. Apresentou relatório de denúncia a ONU, em 2018, sobre violência, agressões e assassinatos contra templos e integrantes de religiões de matrizes afro-brasileiras no Brasil. Integrante do grupo ONU Mulheres. Luta em defesa dos Quilombos e povos das regiões das Vargens da baixada de Jacarepaguá, Área dos Alagados, através da Teia de Solidariedade Zona Oeste. Tem garra como enfrentamento necessário para evoluir no que se empenha a proteger, “tenho que ter vontade muito grande para contribuir na evolução de uma sociedade melhor, com menos racismo e preconceito, com mais respeito pela natureza e com o outro.” O fato das pessoas verem com naturalidade o estado de poluição dos rios, canais e mangue, e aceitarem a poluição como se fosse normal, foi o que chamou a atenção para a luta unido ao seu grande amor aos orixás. Apresentou um abaixo assinado pela limpeza e retirada de entulhos de poluição na Av. Levy Neves na Brisa, recolheu 860 assinaturas; assim a COMLURB limpou a rua. O Canal da Piaí costuma transbordar e invadir ruas e casas. Com a limpeza, houve um escoamento melhor das águas, diminuindo o perigo de contaminação. Ela finaliza revelando como renova suas forças. “Peço muita força aos meus orixás. Faço meditação e Reiki, agradeço a Olorun pelas redes de apoio que tenho encontrado.” O jardim das ervas sagradas visa a socialização das comunidades de culturas afro-brasileiras com as ervas, que são sagradas por si só, independentemente de religião. As religiões de matriz afrobrasileira prezam estas ervas e a cultuam tendo nessas o motivo da dinâmica da vida. O projeto pretende ir às escolas levando incentivo a construção de hortas,

---

<sup>1</sup> Uma terceira edição do boletim foi editada pelas juventudes agroecológicas com recursos de outro projeto e por isso não a analisaremos aqui.



como também realizar um trabalho de assistência às mulheres negras, com terapias tradicionais e alternativas holísticas e na aplicação de administração de chás de ervas.

## Resultados

Um dos episódios mais significativos de nossa luta antirracista aconteceu durante a distribuição do segundo boletim e foi registrado em vídeo. Duas mulheres negras estão conversando. São duas articuladoras da Teia-ZO. Estão com o boletim em mãos. A primeira, Helena Vítor Mateus, aponta para a foto da Iyalorixá Luizinha de Nanã e diz: “uma mulher preta, guerreira. Ela é militante. Ela é espírita. Eu sou evangélica. Eu tiro o chapéu e bato palmas para o trabalho da Dona Luizinha”. Essa potência de enfrentamento ao racismo religioso nos fez ver e crer que estamos no caminho certo. Juntas nós podemos dizer: se tem racismo religioso não tem agroecologia.

No dia 6 de maio de 2022, foi organizada na vizinhança da horta comunitária da Associação de Remanescentes do Quilombo D. Bilina, um momento de avaliação do percurso de seis meses do projeto que contou com a participação e voz de Richarlls Martins e Valcler Rangel como representantes da Fiocruz. O encontro contou com representantes do quilombo e representantes da Teia-ZO, atuantes em outros territórios. É muito importante para a Teia-ZO ter conquistado o reconhecimento de sua práxis através da fala do Professor Richarlls Martins. Segue a sua fala:

É um projeto fundamental e maravilhoso... Poucos projetos conseguem ter uma articulação territorial como vocês conseguiram e conseguem. Eu fico emocionado e muito feliz, pois a gente sabe o quanto as nossas desigualdades neste país desigual se sustentam sobre os corpos das mulheres negras. A centralidade que vocês colocaram no projeto, o tempo inteiro na temática de gênero e raça não foi de uma forma meramente teórica, passando para o nível da prática, isso enche a gente de esperança de que é possível fazer jus e visibilizar essas experiências. (Richarlls Martins no dia 06/05/2022).

Ele ainda avaliou a complexidade abarcada pelo projeto: “*Vocês têm um domínio de associar participação no SUS, práticas integrativas*”. Por outro lado, causou espanto e preocupação a avaliação do Professor Richarlls Martins ao descrever que, dos 41 projetos, apenas quatro eram da Zona Oeste. Sendo que apenas dois eram da Área de Planejamento 5 (AP5). Ou seja, dois na Cidade de Deus, um de Realengo e o Teia das Pretas atuando na integração entre uma região vulnerável da área de planejamento AP4 (região das Vargens) e os territórios da área de planejamento AP5 onde ficam os bairros mais empobrecidos e vizinhos da extrema pobreza. “*O que vocês fizeram é de uma riqueza única que a gente tem que pensar em dar conta dos inúmeros desafios e soluções propostas*”, acrescentou Richarlls.

Ao propormos essas linhas temos o propósito de contribuir com a circulação de ideias ligadas a uma agroecologia que atinja as famílias mais vulnerabilizadas das periferias cariocas. A agroecologia na boca do povo é comida de verdade à



disposição das mulheres negras, pobres e periféricas, mas é também o conjunto de ideias que tecem corpos e territórios agroecológicos. Essa última é função da comunicação popular e comunitária que coloca protagonismo na base da sociedade.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à Fundação Oswaldo Cruz, ao Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul, ao Núcleo Piratininga de Comunicação. Às voluntárias do grupo de trabalho de comunicação que contribui com a Teia-ZO, dentre elas: Analice Madeira, Carla da Fonte, Jane Nascimento, Poliana Monteiro, Rosilene Almeida, Rosineide Freitas, Sarah Baptista. Ao trabalho cuidadoso e pedagógico de Carlos Daniel, designer que deu o toque de excelência na comunicação gráfica do boletim.

### **Referências bibliográficas**

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf> Acesso em 03/12/2019.

MILITIVA, Coletiva de Militância Investigativa da Zona Oeste do Rio de Janeiro. **Mulheres em movimento: militância investigativa na Zona Oeste do Rio de Janeiro**. Em pauta, Rio de Janeiro, 2018, n. 41, v. 16, p. 272 - 295 DOI: <http://doi.org/10.12957/rep>. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/ojs/index.php/revistaempauta/article/view/36702/26329> Acesso em 22/09/2021.

OLIVEIRA, Jane Nascimento (org.). Fórum das Vargens: um convite à luta por justiça ambiental. **Boletim informativo da Teia de Solidariedade Zona Oeste**, Rio de Janeiro, v.1, página 1, janeiro, 2022. Disponível em: <https://abre.ai/boletimteia01>

OLIVEIRA \_\_\_\_\_ (org.). A militância da Iyalorixá e quilombola Luizinha de Nanã. **Boletim informativo da Teia de Solidariedade Zona Oeste**, Rio de Janeiro, v.2, página 1, fevereiro, 2022. Disponível em: <https://abre.ai/boletimteia02>